



RESSONÂNCIAS, APROXIMAÇÕES E ARTICULAÇÕES

Equipe Sesc Ipiranga

A exposição *Variações do corpo selvagem: Eduardo Viveiros de Castro, fotógrafo* foi acompanhada por uma programação paralela constituída por atividades oriundas de diferentes áreas do conhecimento e linguagens artísticas, influenciadas pelos estudos e escritos do antropólogo. Em um seminário intitulado *Variações do corpo selvagem – em torno do pensamento de Eduardo Viveiros de Castro*, pesquisadores e artistas discutiram acerca do alcance da teoria do perspectivismo ameríndio no campo da política, da antropologia, da literatura e da crítica de arte. Estiveram presentes Tânia Stolze Lima (Universidade Federal Fluminense/UFF), Renato Sztzman (Universidade de São Paulo/usp), Marco Antonio Valentim (Universidade Federal do Paraná/UFPR), Frederico Coelho (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ), João Camillo Penna (Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ), Alexandre Nodari (Universidade Federal do Paraná/UFPR), Roberto Zular (Universidade de São Paulo/usp), Pedro de Niemeyer Cesarino (Universidade de São Paulo/usp), Déborah Danowski (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-RJ), Pedro Neves Marques (artista e escritor), Flávia Cera (psicanalista), Patrice Maniglier (Université Paris-Ouest Nanterre La Défense, França), Marília Librandi-Rocha (Stanford University, EUA), Bertrand Prévost (Université Bordeaux-Montaigne, França), José Miguel Wisnik (Universidade de São Paulo/usp) e Idelber Avelar (Tulane University, EUA). Na conferência de encerramento, Viveiros de Castro refletiu sobre as relações entre fotografia, antropologia e arte, tendo como base o conteúdo da exposição.

Filmes, espetáculos teatrais e de dança, performances, shows, lançamentos de livros e contação de história apresentaram ao público algumas ressonâncias, aproximações e articulações com o pensamento do pesquisador. O poema-instalação *Totem*, de André Vallias, escrito a partir de 222 nomes de etnias indígenas espalhadas pelo Brasil, trouxe estrofes compostas num alfabeto criado especialmente pelo poeta, tendo como imagem de fundo o *Mapa etno-histórico* de Curt Nimuendajú. Definido pelo próprio Viveiros de Castro como um poema onomatotêmico, o mapa foi inspirado na arte da cestaria indígena, construindo as letras numa malha geométrica triangular.

Outras programações trouxeram o universo das cosmogonias indígenas, colocando em relevo temáticas relacionadas ao perspectivismo, colonização e mestiçagem. As performances *Transobjeto*, *Piranha* e *Mal secreto* integraram a *Ocupação Nunca Juntos*, do coreógrafo, performer e escritor Wagner Schwartz, trazendo, na centralidade de suas investigações, as experiências do corpo estrangeiro, aquele que transita entre línguas, culturas, cidades e instituições. Discorrendo sobre o núcleo contextual de suas criações, no trânsito entre a literatura e a dança, estiveram presentes Ronaldo Entler (Faculdade Armando Álvares Penteado/FAAP), Massimo Canevacci (Università degli Studi di Roma La Sapienza, Itália) e Fernanda Carlos Borges (Centro Universitário Senac/sp).

De Sara Panamby e Filipe Espindola, *Sagração do Urubutsin* recriou o Urubu Rei, entidade da cosmogonia xinguana associada à sabedoria do fogo, revelando não só violências biopolíticas, mas também novos jogos de significação e recusa ao corpo pré-fabricado, industrializado, pasteurizado, colonizado. *Deglutições cênicas: cantos ameríndios – uma perspectiva urbana e Desconstrução do processo de criação de Cia. Livre Canta Kaná Kawá*, derivadas de uma convergência de pesquisas e interesses poéticos entre as Companhias Oito Nova Dança, dirigida por Lu Favoreto, e Livre, coordenada por Cibele Forjaz, sublinharam o trabalho artístico-etnográfico em torno do universo das cosmologias ameríndias e da antropofagia como procedimento criativo. Escrita, encenada e dirigida por Francisco Carlos, a *Teatralogia jaguar cibernético* expressou as relações de alteridade entre culturas, encadeando elementos dos saberes Tupinambá e Kamayurá a outros conteúdos, como moda, meio ambiente, cultura de massa, mídias, consumismos, arte moderna.

A parceria de longa data e a colaboração artística registrada em algumas películas serviram de mote para uma mostra dedicada à filmografia do cineasta carioca Ivan Cardoso, incluindo longas e curtas-metragens nos quais Viveiros de Castro trabalhou como fotógrafo de cena, argumentista ou ator, como *O segredo da múmia* (1982), *Ruínas de Murucutu* (1974) e *O sarcófago macabro* (2006).

No terreno musical, a atriz, poeta e compositora Beatriz Azevedo, autora do livro *Antropofagia palimpsesto selvagem* (Cosac Naify) apresentou, ao lado do pianista Cristóvão Bastos, *antroPOPphagia*, espetáculo concebido a partir da releitura do *Manifesto Antropófago* (1928). O grupo Mawaca homenageou a diversidade dos povos indígenas em arranjos contemporâneos de canções tradicionais dos Suruí (RR), Kayapó (MT), Kaxinawá (AC), entre outros. Moreno Veloso, com o show *Parque 72*, e o Arto Lindsay Quarteto estiveram presentes.

O público infantil também foi convidado a ingressar no mundo do perspectivismo e dos mitos indígenas, nas contações de histórias feitas por Renata Volpato e Daniel Braga (Cia. Florescer), baseadas nos livros *Onde a onça bebe água*, de Veronica Stigger e Eduardo Viveiros de Castro, *Catando piolhos contando histórias*, de Daniel Munduruku, e *O menino e o jacaré*, de Maté. Na performance compartilhada *Parangolé-graffiti – uma interferência poética no espaço cotidiano*, do Grupo Teatro de Senhoritas, as crianças foram integradas a uma experiência artística de confecção de um figurino-cenário, baseado na obra *Parangolé*, de Hélio Oiticica.

Três obras de Eduardo Viveiros de Castro foram lançadas: *Metafísicas canibais* (Editora Cosac Naify), reunião de parte significativa da produção do autor, desde a publicação de *A inconstância da alma selvagem*, apresentando uma formulação atual de sua teoria sobre o perspectivismo; *Há mundo por vir?: ensaios sobre os medos e os fins* (coedição Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental), com Déborah Danowski, cujo registro etnográfico consigna uma variedade de maneiras pelas quais as culturas humanas têm imaginado a desarticulação dos quadros espaço-temporais da história; e *Onde a onça bebe água* (Cosac Naify), com Veronica Stigger, mostrando como cada um vê o mundo segundo um ponto de vista distinto.

As atividades aqui apresentadas compuseram uma teia de reflexões em torno da longa trajetória desse reconhecido pensador brasileiro, destacando sua produção fotográfica – como discurso figurativo paralelo e, em alguns casos, anterior a suas pesquisas etnológicas – e suas argumentações teóricas.